

EXISTENCIALISMO E SUBDESENVOLVIMENTO: A CRÍTICA DE ÁLVARO VIEIRA PINTO

Walber Luiz Ribeiro do Nascimento Junior¹

Eduardo Ferreira Chagas²

Resumo: O presente artigo examina criticamente a pertinência da filosofia existencialista quando transposta para o contexto histórico dos países periféricos, tomando como referência a análise desenvolvida por Álvaro Vieira Pinto em *Consciência e Realidade Nacional*. Partindo do objetivo de avaliar a validade das categorias existencialistas — como angústia, liberdade indeterminada e confrontação com o nada — o trabalho argumenta que sua universalização é indevida, pois tais categorias refletem experiências espirituais e materiais próprias das sociedades europeias já consolidadas. A metodologia consistiu na análise conceitual de textos do existencialismo europeu e na leitura hermenêutica dos trechos centrais de Vieira Pinto, com foco na dimensão geopolítica que marca sua crítica. O resultado principal é a demonstração de que, para o pensador brasileiro, a situação histórica do subdesenvolvimento altera estruturalmente o sentido da existência humana, deslocando o horizonte do “nada” europeu para o “tudo por fazer” próprio dos povos periféricos. Conclui-se que a adoção acrítica do existencialismo constitui forma de alienação filosófica e intelectual, pois ignora as tarefas materiais que condicionam a realização da existência no mundo subdesenvolvido. A crítica vieirapintiana indica, ainda, as bases para uma filosofia da existência latino-americana fundada no imperativo histórico da transformação concreta e não na contemplação angustiada da subjetividade.

Palavras-chave: Existencialismo; Subdesenvolvimento; Filosofia brasileira; Álvaro Vieira Pinto; Geopolítica do conhecimento.

EXISTENTIALISM AND UNDERDEVELOPMENT: ÁLVARO VIEIRA PINTO’S CRITIQUE

Abstract: This article critically examines the pertinence of existentialist philosophy when transposed to the historical context of peripheral societies, focusing on the interpretation developed by Álvaro Vieira Pinto in *Consciousness and National Reality*. Its objective is to assess whether the central categories of existentialism — such as anguish, indeterminate freedom, and confrontation with nothingness — can legitimately claim universality. The methodology employed consists of a conceptual analysis of classical European existentialist texts and a hermeneutic reading of Pinto’s crucial passages, emphasizing the geopolitical dimension that structures his criticism. The main finding is that, for the Brazilian philosopher, the historical condition of underdevelopment fundamentally transforms the meaning of human existence: while European existentialism confronts the “nothing,” peripheral existence faces the “everything to be done,” namely the task of materially transforming social reality. The article concludes that the uncritical reception of existentialism in peripheral contexts becomes a form of philosophical alienation, since it ignores the objective demands that condition human existence in underdeveloped nations. Furthermore, Pinto’s critique provides theoretical foundations for a

¹Bacharel em Finanças (Universidade Federal do Ceará, 2023) pesquisador independente com atuação na interface entre filosofia, economia e crítica social. Autor do livro *Aristóteles e a Economia: Contribuições, Desdobramentos e Lugar na História* (UICLAP, 2025). Publicou ensaios sobre teoria crítica, pensamento nacional e história das ideias em veículos como o *Jornal da Cidadania Popular*. ORCID:<https://orcid.org/0009-0000-0087-4048>. Endereço para contato: walberluiz99@gmail.com

²Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); mestre em Filosofia pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); doutor em Filosofia pela Universität Kassel (Alemanha); pós-doutor em Filosofia pela Universität Münster (Alemanha); professor Efetivo (Associado 4) do curso de Filosofia do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará (UFC); professor do Programa de Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO); professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da FAGED (UFC); bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq (Nível 2); editor da *Revista Dialectus*; membro da Internationale Gesellschaft der Feuerbach-Forscher (Sociedade Internacional Feuerbach). Homepage: <https://efchagas.wordpress.com>. E-mail: ef.chagas@uol.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1957-6117>.

Latin American philosophy of existence grounded not in the introspective anguish typical of affluent societies, but in the concrete requirements of socio-historical transformation. In this sense, the study highlights the structural limits of existentialism and the need for a geopolitically situated ontology adequate to the lived reality of peripheral peoples.

Keywords: Existentialism; Underdevelopment; Brazilian Philosophy; Álvaro Vieira Pinto; Knowledge Geopolitics.

1. Introdução

O existencialismo consolidou-se, ao longo do século XX, como uma das correntes filosóficas mais influentes na interpretação da condição humana. Sua ênfase na angústia, na finitude, na liberdade e no desamparo foi frequentemente apresentada não como produto de circunstâncias históricas particulares, mas como expressão universal da existência humana. Essa universalização — aparente e raramente problematizada — constitui o ponto cego da tradição existencialista: aquilo que emerge de uma experiência histórica e social específica é elevado à condição de essência antropológica. O resultado é uma filosofia que, ao pretender descrever a estrutura fundamental do ser, muitas vezes descreve apenas o horizonte espiritual de sociedades do centro capitalista já estabilizadas materialmente.

É diante desse problema que se insere a crítica de **Álvaro Vieira Pinto** (1909-1987), cujo pensamento representa uma inflexão decisiva na recepção periférica do existencialismo. Para Vieira Pinto, a universalidade proclamada pelo existencialismo é falsa porque deriva de uma situação histórica local — a do intelectual europeu que, vivendo em sociedades maduras e consolidadas, pode transformar o “nada”, o “tédio” e o “desamparo” em categorias ontológicas. No entanto, para o homem do mundo subdesenvolvido, tais categorias não encontram referente real. No lugar do “nada” existencialista, há o “**tudo por fazer**”; no lugar de uma liberdade angustiada pela indeterminação, há tarefas históricas objetivas que condicionam a existência e definem a ação. Assim, a filosofia da existência, quando transplantada sem crítica, converte-se em forma de alienação: uma metafísica construída sobre carências espirituais europeias que se mostra incapaz de interpretar as urgências materiais das sociedades periféricas.

A hipótese que orienta este artigo é, portanto, que a crítica vieirapintiana ao existencialismo não é apenas uma divergência teórica, mas uma **crítica geopolítica do pensamento filosófico**. Seu argumento não opera apenas no nível conceitual, mas na análise das assimetrias históricas, econômicas e epistêmicas que estruturam a produção do conhecimento filosófico no capitalismo mundial. A originalidade da contribuição de Vieira

Walber Luiz Ribeiro do Nascimento Junior / Eduardo Ferreira Chagas

Pinto consiste exatamente em deslocar o exame do existencialismo para além da tradição europeia, revelando o caráter situado de suas categorias e denunciando a falsa universalidade de uma filosofia que ignora os condicionamentos objetivos da vida nos países subdesenvolvidos.

Ao fazê-lo, o autor brasileiro inaugura uma perspectiva que recoloca a filosofia da existência no interior das contradições centro–periferia e reivindica uma ontologia vinculada às tarefas históricas da maioria da humanidade. Assim, a crítica vieirapintiana constitui elemento central para a construção de uma filosofia latino-americana situada, cuja tarefa consiste em interpretar a existência humana a partir das condições materiais de Nossa América.

2. Breve contextualização do existencialismo

O existencialismo, segundo Lisbo (2016) constitui-se como uma das correntes filosóficas mais influentes do século XX, em grande medida por sua pretensão de deslocar o eixo da reflexão filosófica da essência para a existência. Embora certas intuições acerca da singularidade da experiência humana estejam presentes desde a filosofia antiga, é apenas no século XIX, especialmente com Søren Kierkegaard (1813-1855), que a existência passa a ocupar o lugar de fundamento primeiro da reflexão. Contra as arquiteturas sistemáticas do idealismo hegeliano, que buscavam subsumir o movimento do espírito a uma lógica totalizante, Kierkegaard afirma que nada antecede o existir do indivíduo (GOMES, 2021). A essência não é dada, mas construída; o homem não é definido por categorias exteriores — sociais, históricas ou biológicas —, mas pela tarefa singular de tornar-se aquilo que escolhe ser. Essa inflexão inaugura uma ruptura duradoura: a negação da possibilidade de uma verdade universal sobre o homem e a afirmação de que a subjetividade é o centro irredutível do ser.

O existencialismo, contudo, não se desenvolve apenas no interior da filosofia acadêmica. No século XX, sua expansão literária — por meio de romances, peças teatrais, relatos autobiográficos e textos híbridos — desempenhou papel decisivo na popularização da doutrina. Autores como Sartre, Camus, Beauvoir e outros fizeram do existencialismo não apenas um sistema conceitual, mas uma sensibilidade cultural, conectando-o diretamente à atmosfera espiritual de um continente marcado por guerras, instabilidade política e

Walber Luiz Ribeiro do Nascimento Junior / Eduardo Ferreira Chagas

desagregação de modelos tradicionais de sentido. Essa mediação literária ajudou a fixar o tom emocional da filosofia existencialista: não um tratado racional, mas uma interpretação dramatizada da condição humana.

Entre os temas centrais que organizam essa visão de mundo, destaca-se a **angústia**, entendida como afeto estrutural da existência (KIERKEGAARD, 2022). Ela não resulta de circunstâncias particulares, mas expressa a liberdade radical do indivíduo: o ser humano é condenado a escolher, e cada escolha implica responsabilidade absoluta. A angústia é intensificada pelo **desamparo**, pois nenhuma instância superior — divina, moral ou racional — oferece garantias ou orientações seguras. A existência é sempre um salto no escuro. Em muitos autores, essa angústia desdobra-se em sentimentos de melancolia, desespero ou náusea, frequentemente apresentados como revelações privilegiadas da verdade do ser humano.

Outro elemento recorrente é o **tédio**, conforme Cordeiro (2021), não em seu sentido trivial, mas como percepção da limitação das possibilidades humanas. A estrutura finita da vida impõe fronteiras intransponíveis: costumes, instituições, relações sociais, necessidade material e, principalmente, a morte. A morte opera como horizonte absoluto, lembrando que cada escolha implica renúncia e que nenhuma vida comporta a realização plena das possibilidades imaginadas (SILVEIRA, 2024). No existencialismo literário, a morte assume função de chave hermenêutica da liberdade: é por ser mortal que o homem deve escolher, e cada escolha é trágica porque exclui todas as outras.

A vida cotidiana, por sua vez, aparece como força niveladora. A repetição dos hábitos obscurece a consciência da finitude e cria a ilusão de continuidade, levando o indivíduo a desperdiçar sua própria possibilidade de ser. Assim, o existencialismo apresenta a existência como tensão permanente entre a autenticidade — o esforço de assumir a própria liberdade — e a inautenticidade — a entrega à rotina e às convenções sociais.

Esse brevíssimo panorama, ainda que necessariamente incompleto, permite identificar a matriz essencial do existencialismo: a crença de que a verdade fundamental do ser humano reside na interioridade, nos estados afetivos e nas decisões individuais que definem o sentido da vida. Essa matriz, derivada de uma experiência histórica específica da modernidade europeia, constitui o objeto central da crítica de Álvaro Vieira Pinto. Ao insistir em categorias como angústia, desamparo, tédio e nada como estruturas universais do ser humano, o existencialismo assume como essência aquilo que é, antes, expressão espiritual de

Walber Luiz Ribeiro do Nascimento Junior / Eduardo Ferreira Chagas

um contexto socio-histórico particular. É justamente essa pretensão de universalidade — e seus limites — que será problematizada a seguir.

3. A crítica vieirapintiana ao existencialismo

A crítica de Vieira Pinto (2020) ao existencialismo parte de um ponto decisivo: a constatação de que toda filosofia da existência depende das condições históricas em que é produzida. Assim, aquilo que no existencialismo europeu aparece como expressão universal da condição humana — a angústia, o desamparo, a náusea diante do nada, a liberdade absoluta — é, para Vieira Pinto, resultado de uma forma particular de vida espiritual típica de sociedades que já atingiram elevado grau de desenvolvimento material. O existencialismo, nessa perspectiva, não revela a “essência do homem”, mas o estado subjetivo de intelectuais situados em países centrais, cuja estabilidade econômica e institucional lhes permite transformar situações psicológicas em categorias ontológicas. Trata-se, portanto, de uma filosofia cuja pretensão universal esconde suas origens históricas específicas.

Vieira Pinto formula esse argumento de modo contundente ao afirmar que “o filósofo do país periférico não goza da disponibilidade de interpretar o mundo segundo lhe aprouver”³. Ao contrário do pensador europeu que tematiza a vertigem, o vazio e a liberdade sem conteúdo, o filósofo do mundo subdesenvolvido encontra-se diante de uma realidade marcada pela ausência de infraestrutura, pela precariedade das condições materiais e pela urgência de tarefas históricas fundamentais. Por isso declara que, para o homem brasileiro, “não há o Nada, há o Tudo”; ele não enfrenta a náusea existencial diante do vazio, mas o peso objetivo de “tudo quanto está por fazer no mundo que é o seu”. Assim, as categorias existencialistas que tomam o nada como horizonte metafísico simplesmente não se aplicam ao indivíduo situado em contexto periférico.

É nesse ponto que sua crítica assume caráter geopolítico. Para Vieira Pinto (2020), o existencialismo é produto cultural do “centro dominante”, cuja experiência de mundo permite problematizar o vazio como categoria filosófica. O tédio profundo, a sensação de falta de sentido e a liberdade angustiada descritos por Sartre ou Heidegger pressupõem sociedades em que as necessidades básicas já foram historicamente solucionadas. Por isso, quando essas

³ VIEIRA PINTO, Álvaro. Consciência e realidade nacional: volume 1: a consciência ingênua. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto, 2020, p.70.

Walber Luiz Ribeiro do Nascimento Junior / Eduardo Ferreira Chagas

categorias são importadas sem crítica para países subdesenvolvidos, operam como formas de alienação: desviam a reflexão filosófica das condições materiais de existência e ocultam as tarefas históricas que estruturam a vida coletiva. Não se trata, portanto, de mera inadequação teórica, mas de bloqueio epistemológico e político.

Essa alienação decorre, segundo o filósofo, da incapacidade do existencialismo de reconhecer que suas categorias só valem no interior de um contexto particular. Como observa Vieira Pinto (2020), as descrições existencialistas só valem na suposição daquele contexto cultural europeu, contexto este frequentemente silenciado pelos próprios autores. É por isso que considerar a angústia, o nada ou a liberdade absoluta como estruturas permanentes do ser humano constitui equívoco fundamental: tais categorias não emergem de uma análise concreta da existência, mas da elevação indevida de experiências psicológicas localizadas à condição de universalidade filosófica.

O problema, argumenta Vieira Pinto, torna-se ainda mais grave quando se leva em conta que o existencialismo proclama para si a exigência de “concretidade”. No entanto, essa concretidade restringe-se à interioridade psicológica do indivíduo, desprezando os dados da situação material que condicionam efetivamente a existência. A filosofia da existência, ao privilegiar o drama subjetivo, exclui de seu horizonte a materialidade histórica da vida social, reproduzindo uma abstração disfarçada de descrição concreta. O resultado é uma teoria que ignora aquilo que constitui o fundamento da existência nos países periféricos: o nível de desenvolvimento da sociedade.

Por isso, Vieira Pinto afirma que, entre todas as correntes contemporâneas, o existencialismo é a que mais expõe seus adeptos ao risco da alienação. A importação direta dessa filosofia — sem “radical depuração” — impede que o pensador brasileiro compreenda sua própria realidade e o conduz à contemplação do nada quando sua tarefa é enfrentar o tudo. O filósofo do país subdesenvolvido não tem “direito à futilidade intelectual”⁴: sua função histórica consiste em contribuir para a construção de uma ideologia emancipadora capaz de orientar a transformação material da sociedade. Assim, a crítica vieirapintiana não rejeita apenas o existencialismo como sistema teórico, mas denuncia sua inadequação para pensar a realidade concreta dos povos periféricos.

Em síntese, a crítica de Vieira Pinto revela que o existencialismo incorre em contradição fundamental: ao pretender descrever o ser do homem como definido por sua

⁴ Idem.

Walber Luiz Ribeiro do Nascimento Junior / Eduardo Ferreira Chagas

situação, falha em considerar o aspecto objetivo dessa mesma situação. Ao transformar a experiência do intelectual europeu em medida da existência humana, o existencialismo converte-se, segundo ele, em forma de “consciência ingênua”, incapaz de reconhecer seus próprios condicionamentos. Somente a partir do ponto de vista periférico — o ponto de vista de quem vive o “tudo por fazer” — torna-se possível perceber a falácia de sua universalidade. É essa perspectiva, ancorada na realidade do subdesenvolvimento, que permite recolocar a filosofia da existência nos termos concretos da história.

4. Discussão

A crítica de Álvaro Vieira Pinto ao existencialismo dialoga, em certo sentido, com a tradição marxista europeia, mas dela se distingue por uma inflexão decisiva: a centralidade da categoria geopolítica do subdesenvolvimento. Autores como György Lukács (1885-1971) também denunciaram o caráter histórico e socialmente localizado do existencialismo, associando-o à crise espiritual da burguesia europeia no século XX. Para Lukács (1979), a absolutização da interioridade angustiada e a renúncia à totalidade constituíam sintomas ideológicos de uma classe em declínio. No entanto, mesmo essa crítica marxista, embora poderosa, permanece situada no interior do horizonte europeu e não ultrapassa a problemática interna das sociedades centrais.

Vieira Pinto (2020), por sua vez, desloca essa crítica para um plano mais amplo: o da estrutura centro–periferia do capitalismo mundial. Seu argumento não se limita a revelar o enraizamento burguês do existencialismo; vai além ao demonstrar que a recepção periférica dessa filosofia reproduz, involuntariamente, a dependência intelectual que caracteriza o subdesenvolvimento. A alienação não é apenas interna à doutrina, mas externa: ela se intensifica no momento em que a filosofia da existência é transplantada para sociedades cuja experiência de mundo exige categorias radicalmente distintas. Ao contrário de Lukács, cuja crítica se concentra na forma espiritual da crise europeia, Vieira Pinto insiste que o existencialismo é incapaz de falar aos povos que vivem sob condições materiais completamente diferentes — povos para os quais a angústia do nada não traduz a experiência real, marcada pelo imperativo do “tudo por fazer”.

Walber Luiz Ribeiro do Nascimento Junior / Eduardo Ferreira Chagas

Essa inflexão geopolítica tem implicações filosóficas profundas. Em primeiro lugar, exige reconhecer que nenhuma filosofia pode reivindicar universalidade sem considerar as condições históricas que tornam possível sua formulação. O existencialismo, ao ignorar o nível de desenvolvimento material que sustenta suas categorias, incorre numa forma de provincialismo ontológico: transforma em essência humana aquilo que é apenas expressão da experiência europeia em um momento histórico determinado. Em segundo lugar, a crítica vieirapintiana recoloca no centro da filosofia da existência a dimensão objetiva da vida social. O ser humano não se realiza por meio de introspecção angustiada, mas por meio da transformação histórica das circunstâncias que o constituem.

As implicações políticas são igualmente decisivas. Ao denunciar o caráter alienante da importação acrítica do existencialismo, Vieira Pinto reivindica que o filósofo do país periférico assuma sua responsabilidade histórica na construção de uma ideologia nacional capaz de orientar o desenvolvimento. Seguindo Marx (2019), a filosofia não pode se limitar a contemplar os dilemas subjetivos do indivíduo isolado; deve voltar-se à totalidade concreta da sociedade e às tarefas objetivas que determinam a possibilidade mesma da existência humana. Assim, seu projeto não constitui simples crítica teórica, mas intervenção explícita na luta pela emancipação dos povos subdesenvolvidos. A reflexão existencial, quando descolada dessa materialidade, transforma-se em luxo intelectual incompatível com a urgência histórica que define a vida nos países periféricos.

5. Conclusão

A análise da crítica vieirapintiana permite compreender que os limites do existencialismo não são apenas conceituais, mas estruturais. Ao elevar a angústia, o nada e a liberdade indeterminada à condição de categorias universais, o existencialismo oculta o fato de que tais elementos derivam de uma experiência histórica situada no interior das sociedades europeias desenvolvidas. Para os povos periféricos, cujas condições materiais exigem ação coletiva e transformação objetiva, essas categorias não apenas se mostram inadequadas, mas podem operar como formas de alienação. Como afirma Vieira Pinto, “para ele não há o Nada, há o Tudo”⁵: o horizonte existencial do homem brasileiro não é o vazio metafísico, mas o conjunto das tarefas históricas que condicionam sua própria possibilidade de ser.

⁵ Idem, p.72.

Walber Luiz Ribeiro do Nascimento Junior / Eduardo Ferreira Chagas

A crítica de Vieira Pinto revela, portanto, que a universalidade proclamada pelo existencialismo é falsa porque ignora a geopolítica do conhecimento. Uma filosofia que se pretende concreta não pode prescindir da análise das condições materiais de existência; uma ontologia que pretende descrever o homem não pode omitir as desigualdades estruturais que organizam o mundo. Nesse sentido, a filosofia da existência elaborada nos centros capitalistas só pode tornar-se relevante para os países periféricos se passar por uma depuração radical que expurgue seus elementos alienados e reconheça sua origem histórica localizada.

A partir dessa perspectiva, fica claro que uma autêntica filosofia da existência brasileira não pode partir do “nada”, mas do “a fazer”. A existência, para o homem do mundo subdesenvolvido, não é escolha angustiada diante do vazio, mas projeto histórico diante do excesso de tarefas não realizadas. É na transformação material da sociedade, e não na contemplação subjetiva, que se realiza a liberdade. Assim, o pensamento brasileiro deve abandonar a tentação de importar categorias inadequadas e reivindicar uma ontologia enraizada na situação concreta do país — uma filosofia cujo fundamento não seja o drama espiritual de sociedades opulentas, mas a práxis que enfrenta, de maneira decisiva, o tudo por fazer que caracteriza nossa realidade histórica.

Referências bibliográficas

CORDEIRO, Robson Costa. O tédio em Kierkegaard e Heidegger. *Trilhas Filosóficas*, v. 14, n. 1, p. 85–101, 2021. DOI: 10.25244/tf.v14i1.3534.

GOMES, Elias. Existência e singularidade em Kierkegaard. *RHEMA*, v. 19, n. 57, p. 90-102, 2021.

KIERKEGAARD, Søren. *Conceito de angústia*. Londrina, PR: Livraria Família Cristã, 2022.

LISBOA, Camila Pereira. Introdução ao existencialismo: perspectivas literárias. *Problemata: Revista Internacional de Filosofia*, v. 7, n. 2, p. 254-267, 2016.

LUKÁCS, Georg. *Existencialismo ou marxismo*. São Paulo, SP: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

MARX, Karl. *Teses sobre Feuerbach*. In: *A ideologia alemã*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

SILVEIRA, André Luiz Ramalho da. Ser para a morte, possibilidade existencial e finitude da existência em Ser e tempo. *Trans/Form/Ação*, v. 47, n. 1, p. e0240071, 2024.

VIEIRA PINTO, Álvaro. *Consciência e realidade nacional: volume 1 – a consciência ingênua*. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto, 2020.

